

INTRODUÇÃO

Quando há algumas décadas me aproximei da figura do Padre Pio, estava cheio de preconceitos. O «fenómeno» Padre Pio, como por vezes era descrito, estava rodeado de factos extraordinários, estranhos, quase mágicos: bilocações, estigmas, arrebatamentos e êxtases, visões, manifestações e revelações divinas, tempestades diabólicas. Era uma figura singular sobre a qual a Igreja Católica ainda não tinha proferido um juízo preciso e definitivo, e sobre a qual, com um espírito trocista, pairavam ainda pesquisas e narrações extravagantes, cheias de mistério e de uma religiosidade mais atenta aos fenómenos extraordinários do que à espiritualidade. Em suma, uma figura mais de «santinho» do que de «santo».

Porém, à medida que me fui aproximando da sua vida e dos seus textos, fui ficando mais impressionado, maravilhado, envolvido pela sua santidade «pobre» e pelas suas palavras simples que me incentivavam a conhecer o Pai do Céu, o seu Filho Jesus e o Espírito Santo; bem como a entregar-me com confiança à Mãe de Deus e nossa Mãe, a cultivar a amizade com os anjos da guarda e os santos, e a viver de

fé, esperança e caridade. E, o que é ainda mais surpreendente, fiquei fascinado pela sua profunda humildade, pelo equilíbrio das suas palavras e dos seus conselhos, pela sua capacidade de «atingir no íntimo» o meu intelecto e o meu coração fazendo-os viajar juntos, em perfeita harmonia.

Não me ditava receitas preconfeccionadas, mas incentivava-me a exercitar-me nas virtudes, no amor aos outros, no serviço aos irmãos mais fracos e desafortunados, a colocar toda a minha esperança e toda a minha felicidade no amor infinito que Deus-Pai tem por cada um de nós. Considerei igualmente atuais as suas palavras e os seus conselhos, quer para mim e para a minha vida interior, quer, creio, para a vida dos homens deste mundo, empenhados que estão nas complexas encruzilhadas da história e da sociedade. Não eram palavras dirigidas apenas aos religiosos, mas também aos leigos, aos fiéis comuns: às mães e aos pais de família; aos empresários, aos médicos, aos operários, aos governantes, aos jovens, aos pequeninos... Isso enchia-me de alegria: um frade e sacerdote capuchinho que viveu no século passado, num pequeno convento perdido na província de Foggia, poderia dizer algo importante ao homem frenético e tecnológico do século XXI?

A resposta afirmativa foi-me dada assim que li as palavras inflamadas que o Padre Pio dirigiu nos seus diálogos, na direção espiritual das pessoas comuns, às figuras mais importantes, aos seus confrades. E assim decidi-me a contar tudo isso através das suas próprias palavras, para evitar restituir um tal tesouro de humanidade e espiritualidade corrompendo-o ou adaptando-o.

A única operação de relevo que encontrareis é a escolha de agrupar essas pérolas de santidade por temas ascéticos, de vida interior, de vida de piedade, para tornar mais fácil a consulta. Escolhi espaçar os escritos em frases curtas, algumas lapidares e incisivas (segundo o seu estilo), para restituir ao homem de hoje, com imediação, o vigor e a profundidade das suas palavras que, como dardos, penetram no coração e na inteligência do leitor e provocam aquilo a que o Papa Bento XVI chamou a «cisão nuclear que o ser leva no

seu íntimo»^{NT1}, referindo-se ao ato de amor de Jesus que Se doa totalmente a nós no sacrifício da Cruz, renovado de forma incruenta na Santa Missa, transformando a violência em amor e por conseguinte a morte em vida.

Sim, o Santo Padre Pio vivia da Eucaristia: as suas missas eram intensas, ele imergia completamente nelas e «consumia-se» por amor a Deus, oferecendo-se como *alter Christus*. No final do Santo Sacrifício do Altar via-se que estava cansado, exausto, entregue ao Amor. E do Gólgota descia cheio de zelo pelos «filhos do homem» oferecendo-se a Deus, como o Filho, em sacrifício de «agradável odor». Vêm à mente as palavras de São Paulo, na Carta aos Efésios: «Christus diléxit nos, et trádedit semetípsum pro nobis, oblatiónem Deo in odórem suavitátis» (Ef 5, 2)^{NT2}. Todos os dias ficava horas a fio dentro do confessionário, acolhendo os penitentes em busca de redenção e dando conselhos espirituais. Um perfume não só espiritual, mas também material, que muitos testemunham ter sentido quando passava perto deles, e que conseguiram sentir inclusivamente depois da morte do frade capuchinho.

E se, por um lado, o estado das almas pecadoras o prostrava («A ideia de ver tantas almas que vertiginosamente se querem justificar no mal apesar do Sumo Bem aflige-me, tortura-me, martiriza-me, consome-me o cérebro e dilacera-me o coração»), por outro lado o santo frade era devorado pelo amor de Deus e pelo amor ao próximo. No confessionário, o Padre Pio age, como qualquer sacerdote, *in persona Christi*, carregando os pecados dos seus irmãos e suplicando para eles o perdão de Deus-Pai.

Numa carta ao seu diretor espiritual, escreveu: «Como é possível ver Deus contristado pelo mal e não se contristar igualmente? Ver que Deus está prestes a descarregar os seus golpes, e para O deter não

^{NT1} Na homilia proferida pelo Papa a 21 de agosto de 2005 na sua viagem à Alemanha, por ocasião da XX Jornada Mundial da Juventude.

^{NT2} «Procedei com amor, como também Cristo nos amou e Se entregou a Deus por nós como oferta e sacrifício de agradável odor».

existe outro remédio senão elevar uma mão para sustentar o seu braço, e a outra [mão] dirigi-la perturbada ao próprio irmão, por um duplo motivo: que deite fora o mal e se afaste, e depressa, daquele lugar onde está, porque a mão do Juiz está prestes a descarregar sobre ele [...] Ai de mim! Quantas vezes, para não dizer sempre, me acontece dizer a Deus-Juiz, como Moisés: perdoa a este povo ou apaga-me da vida». Por isso, o Santo Padre Papa Paulo VI, falando aos superiores da Ordem dos Capuchinhos, quando os recebeu em audiência a 20 de fevereiro de 1971, pôde dizer sobre ele: «Olhem que fama teve! Que clientela mundial juntou à sua volta! Mas porquê? Talvez porque era um filósofo, porque era um sábio, porque era uma personagem famosa com grandes recursos à disposição? Nada disto! Simplesmente porque dizia a Missa com humildade, confessava de manhã à noite, e era, o que é difícil de dizer, representante impresso dos estigmas de Nosso Senhor».

O arrependimento e a penitência que o Padre Pio exigia às almas na Confissão, ao ponto de parecer por vezes um pouco brusco e quase intratável, e nalguns casos fazendo-as voltar diversas vezes antes de as absolver, não era uma forma de as punir, mas de as tornar cada vez mais conscientes do pecado e da contrição perfeita a que deviam almejar, antes de receberem o «abraço» amoroso de Deus. Disse ainda Paulo VI a 12 de fevereiro de 1964: «A penitência. Hoje esta palavra parece quase uma expressão fora de moda, uma reminiscência medieval que não tem aplicação no nosso tempo, que visa eliminar todo o desconforto e inconveniente, e tornar a vida como que acolchoada com comodidades, pela plenitude dos meios que as conquistas da técnica põem à nossa disposição». E São João Paulo II, na homília da canonização do beato Padre Pio^{NT}, notava: «O ministério do confessor, que constitui uma das numerosas características que distinguem o seu apostolado, atraía numerosas multidões de fiéis ao Convento de San Giovanni Rotondo. Mesmo quando aquele singular confessor tratava os peregrinos com severidade aparente,

^{NT} A 16 de junho de 2002, na Praça de São Pedro, em Roma.

eles, tomando consciência da gravidade do pecado e arrependendo-se sinceramente, voltavam quase sempre atrás para o abraço pacificador do perdão sacramental». A missão divina e «secreta» que o Padre Pio recebera desde pequeno revelara-se discretamente no dia da sua ordenação sacerdotal.

Naquele dia 10 de agosto de 1910, na Catedral de Benevento, quis que fosse impresso na pagela de recordação a frase: «Por Ti sacerdote santo vítima perfeita». Vendo bem, esta expressão parece conter antecipadamente não só o significado da sua vocação sacerdotal, mas também o de toda a sua existência, na identificação total com a vontade de Deus e com Cristo crucificado. Ele é a «vítima perfeita», o «sacerdote santo» com O qual o Padre Pio, desde criança, é chamado misteriosamente a identificar-se e a oferecer-se imitando o divino Filho, pela salvação dos pecadores e em socorro das almas do Purgatório: é esse o significado dos estigmas que acompanham dolorosamente o frade, primeiro invisivelmente, a partir de 1910, e depois visivelmente desde 1918 até à sua morte, para depois desaparecerem completamente, sem deixar rasto, estando a «missão» cumprida...

Assim se exprime São João Paulo II na homilia da beatificação do frade de Pietrelcina: «Quem se dirigia para San Giovanni Rotondo para participar na sua Missa, para lhe pedir conselho ou se confessar, vislumbrava nele uma imagem viva de Cristo sofredor e ressuscitado. No rosto do Padre Pio resplandecia a luz da *ressurreição*. Marcado pelos “estigmas”, o seu corpo mostrava a íntima conexão entre morte e ressurreição que caracteriza o mistério pascal. Para o Beato de Pietrelcina, a *participação na Paixão* teve matizes de especial intensidade: os singulares dons que lhe foram concedidos e os sofrimentos interiores e místicos que os acompanharam consentiram-lhe viver uma extraordinária e constante experiência dos sofrimentos do Senhor, na imutável consciência de que “o Calvário é a montanha dos santos”».

Esta poderia ser a «missão grandíssima» conhecida apenas por Deus – e por isso, como escrevemos anteriormente, «secreta» – que o santo recebeu logo em 1898, depois de ter concluído a escola básica, e da qual não quis revelar mais pormenores. Uma missão à qual

dedicou toda a sua existência: «ex toto corde tuo et ex tota anima tua et ex tota fortitudine tua»^{NT} (cf. Dt 6, 5; Lc 10,2 7-28), até ao último suspiro e ao último pensamento.

L'Osservatore Romano, aquando da morte do frade de Pietrelcina, em 1968, escreveu o seguinte: «Até ao fim, o Padre Pio, padecendo de asma e bronquite, extenuado pela penitência, viveu exercendo o seu ministério: fora-lhe concedido celebrar a Santa Missa sentado, dirigia-se para o confessionário de cadeira-de-rodas porque não se tinha de pé, mas não queria renunciar à missão e ao dever de qualquer sacerdote, ministro da graça e da misericórdia de Deus». Uma missão exercida inteiramente dentro das paredes do convento, recluso por amor, em constante e prolongada oração oblativa a favor de todos os que se lhe dirigiam, próximos e distantes, para lhes aliviar os sofrimentos físicos, morais e espirituais. Escreveu o santo a 23 de outubro de 1921: «Trabalhei, quero trabalhar; rezei, quero rezar; velei, quero velar; chorei e quero chorar sempre pelos meus irmãos de exílio». Oração e sacrifício; acolhimento e consolação; oferta completa de si mesmo a Deus pelos irmãos a caminho nesta Terra e pelas almas do Purgatório; «vítima perfeita» por Amor.

Assim é o Padre Pio! A Monsenhor Ferdinando Viola, bispo do Uruguai, o Papa Bento XV (1854-1922) confidenciou que: «O Padre Pio é um homem extraordinário que Deus manda de tempos a tempos à Terra para voltar a orientar para Ele o género humano». O Santo Padre João Paulo II, na homilia da beatificação do humilde frade, na Praça de São Pedro, quis começar por sublinhar que a sua vida tinha sido «inteiramente dedicada à oração e à escuta dos irmãos». Uma oração que o santo cultivou desde pequeno.

Tinha efetivamente um carisma especial de oração, e particularmente de oração solitária. Era um frade humilde que, como afirma o Pontífice, «surpreendeu o mundo». E o Papa recordou um pormenor autobiográfico muito tocante: «Quando eu era estudante aqui em

^{NT} Ou seja, «com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças».

Roma, tive ocasião de conhecê-lo pessoalmente e agradeço a Deus ter-me dado hoje a possibilidade de o inscrever no álbum dos beatos».

Corria o mês de abril de 1948. O jovem sacerdote polaco foi a San Giovanni Rotondo e confessou-se ao Padre Pio. Que encontro não deve ter sido esse, entre dois gigantes da santidade! À semelhança do que ocorreu anos depois entre o mesmo Pontífice e Santa Tereza de Calcutá. O Papa Wojtyla parece aludir ainda no seu discurso à «missão grandíssima» que o santo frade recebeu em criança, quando afirma que: «Contudo, para alcançar a meta, o caminho é um só: Cristo, ao qual o discípulo se deve conformar cada vez mais. A santidade consiste precisamente nisto: já não é o cristão que vive, mas é o próprio Cristo que vive nele (cf. Gl 2, 20) [...] Com que evidência estas palavras se realizaram no Beato Pio de Pietrelcina!». O Pontífice sublinhou a duríssima ascese a que o frade se submeteu desde a sua adolescência, como meio para a sua «progressiva identificação com o divino Mestre, para estar “onde Ele estava”», ou seja, na Cruz: «Sim, a Cruz de Cristo», explica mais adiante o Pontífice, «é a insigne escola do amor; ou melhor, a própria “fonte” do amor. Purificado pelo sofrimento, o amor deste fiel discípulo atraía os corações a Cristo e ao seu exigente Evangelho de salvação».

Explicam-se assim também as terríveis perseguições sofridas pelo santo de Pietrelcina: «Não menos dolorosas, e humanamente talvez ainda mais fortes, foram as provações», prosseguiu o Pontífice, «que teve de suportar como consequência, dir-se-ia, dos seus singulares carismas. Na história da santidade às vezes acontece que o escolhido, por especial permissão de Deus, é objeto de incompreensões. Quando isto se verifica, a obediência torna-se para ele *crisol de purificação*, vereda de progressiva assimilação a Cristo, fortalecimento da santidade autêntica [...]. Quando sobre ele se abateu a “tormenta”, estabeleceu como regra da sua existência a exortação da Primeira Carta de São Pedro, que há pouco escutámos: “Aproximai-vos de Cristo, pedra viva” (cf. 1Pe 2, 4). Deste modo, tornou-se também ele “pedra viva”, para a construção do edifício espiritual que é a Igreja. E por isto hoje damos graças ao Senhor».

Alguns anos mais tarde, por ocasião da canonização do frade, o mesmo Pontífice, retomando uma expressão de Jesus no Evangelho de São Mateus (Mt 11, 30) – «O meu jugo é suave e o meu fardo é leve» –, referiu-se ainda às dolorosas provas por que o frade teve de passar – o «jugo» de Cristo – e ao amor fiel com que o «novo» santo as enfrentava.

Naquela ocasião, o Papa convidou-nos a todos a cultivar a espiritualidade da Cruz vivida pelo Padre Pio como necessidade ineludível do nosso tempo, para abrir o coração à esperança. E sublinhou como a sua santidade seria incompreensível sem esta constante referência à Cruz.

O Papa Bento XVI, falando em 2009, abriu outra dimensão no horizonte sobre o frade, a do «combate espiritual»: «Como aconteceu com Jesus, a verdadeira luta, o combate radical, o Padre Pio teve de enfrentá-los não contra inimigos terrenos, mas sim contra o espírito do mal (cf. Ef 6,12). As maiores “tempestades” que o ameaçavam eram os assaltos do diabo, dos quais se defendia com “a armadura de Deus”, com “o escudo da fé” e com “a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6, 11.16-17)».

O Padre Pio não foi apenas um homem de oração que zelava pelas almas, um frade santo dedicado ao ministério sacerdotal – foi ao mesmo tempo um homem de apurada caridade e de robusta ação: «O Padre Pio atraía para o caminho da santidade com o seu testemunho pessoal, indicando com o seu exemplo a “senda” que para ela conduz: a oração e a caridade. Antes de tudo, a oração. Como todos os grandes homens de Deus, o Padre Pio tornou-se ele mesmo oração, alma e corpo. Os seus dias eram um rosário vivo, ou seja, uma contínua meditação e assimilação dos mistérios de Cristo em união espiritual com a Virgem Maria. Assim se explica a singular coexistência, nele, dos dons sobrenaturais e da consistência humana» (Bento XVI, *Homilia da Santa Missa celebrada no adro da Igreja de São Pio*, domingo, 21 de junho de 2009).

A fundação do hospital Casa Alívio do Sofrimento, inaugurado a 5 de maio de 1956, testemunha o desvelo pela cura concreta na

pessoa de todos irmãos que o frade de Foggia albergava no coração. «De modo especial pelos doentes e pelos sofredores, nutria a predileção do Coração de Cristo, e precisamente nela adquiriu origem e forma o projeto de uma grande obra dedicada ao “alívio do sofrimento”. Não se pode compreender, nem interpretar adequadamente tal instituição, se ela for separada do seu manancial inspirador, que é a caridade evangélica, animada por sua vez pela oração» (Bento XVI, homilia do domingo 21 de junho de 2009).

A sua atenção à dor humana concretizou-se por conseguinte na construção de um hospital de primeira categoria numa região onde naquela altura eram quase inexistentes lugares de cura dos doentes, mas sobretudo através da sua preocupação de que «nele» – como sublinha o Santo Padre João Paulo II – «se praticasse uma medicina verdadeiramente “humanizada”, onde a relação com o doente se caracterizasse pela mais calorosa solicitude e pelo mais cordial acolhimento. Bem sabia que quem está doente e sofre tem necessidade não só de uma correta aplicação dos instrumentos terapêuticos, mas também e sobretudo de um clima humano e espiritual, que lhe consinta redescobrir-se a si mesmo no encontro com o amor de Deus e a ternura dos irmãos».

Com as influências «modernas» que o Pontífice evidenciou, pode afirmar-se com o Papa Wojtyła que «com a “Casa Alívio do Sofrimento” ele quis mostrar que os “milagres ordinários” de Deus *passam pela* nossa caridade. É preciso tornar-se disponível à partilha e ao serviço generoso dos irmãos, servindo-se de todos os recursos da ciência médica e da técnica». Assim foi o Padre Pio. O Papa Bento XVI, durante a sua visita pastoral a San Giovanni Rotondo, no domingo 21 de junho de 2009, com algumas pinceladas sintetizou admiravelmente as diversas peculiaridades do santo frade de Pietrelcina a que aludimos *supra*: «Um homem simples, de origens humildes, “arrebataado por Cristo” (Fl 3, 12) como escreve de si mesmo o apóstolo Paulo para fazer dele um instrumento eleito do poder perene da sua Cruz: poder de amor pelas almas, de perdão e de reconciliação, de paternidade espiritual e de solidariedade efetiva com aqueles que sofrem. Os estigmas,

que o marcaram no corpo, uniram-no intimamente ao Crucificado-Ressuscitado. Seguidor autêntico de São Francisco de Assis, fez sua, a exemplo do *Pobrezinho*, a experiência do apóstolo Paulo, como ele mesmo descreve nas suas cartas: “Estou crucificado com Cristo! Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 19-20); ou então: “Em nós age a morte, e em vós a vida” (2Cor 4, 11).

Isto não significa alienação, perda da personalidade: Deus nunca anula o humano, mas transforma-o com o seu Espírito e orienta-o para o serviço do seu desígnio de salvação. O Padre Pio manteve os seus dons naturais e até o seu próprio temperamento, mas ofereceu tudo a Deus, que pôde servir-Se disso livremente para prolongar a obra de Cristo: anunciar o Evangelho, perdoar os pecados e curar os doentes no corpo e no espírito».

Também o Santo Padre Francisco, em diversas ocasiões, recordou com fervor a figura do santo frade, em particular na sua viagem a Pietrelcina e a San Giovanni Rotondo a 17 de março de 2018, pelo centenário da estigmatização e pelo quinquagésimo aniversário da morte do frade capuchinho. Em Pietrelcina, o Papa recordou que «este humilde frade capuchinho surpreendeu o mundo com a sua vida, inteiramente dedicada à oração e à escuta paciente dos irmãos, sobre cujos sofrimentos derramava como bálsamo a caridade de Cristo». E em San Giovanni Rotondo, durante a homilia da Santa Missa, acrescentou: «São Pio lutou contra o mal durante a vida inteira, e combateu-o sabiamente, como o Senhor: com humildade, com a obediência e com a cruz, oferecendo a dor por amor. E todos ficam admirados com isto, mas poucos agem do mesmo modo. Muitos falam bem, mas quantos o imitam? Muitos estão dispostos a postar um “eu gosto” na página dos grandes santos, mas quantos agem como eles? Porque a vida cristã não é um “eu gosto”, é um “eu ofereço-me”. A vida perfuma quando é oferecida como dom; e torna-se insípida quando é conservada para si mesmo [...]. São Pio ofereceu a vida e inúmeros sofrimentos para fazer com que os irmãos encontrassem o Senhor. E o meio decisivo para o encontrar era a Confissão, o sacramento da Reconciliação. É aí que começa e recomeça uma vida sábia,

amada e perdoada; é aí que tem início a purificação do coração. O Padre Pio foi um *apóstolo do confessionário*. Também hoje nos convida a ir lá; e diz-nos: “Onde vais? Ao encontro de Jesus ou das tuas tristezas? Para onde te diriges? Para Aquele que te salva, ou para os teus padecimentos, as tuas lamentações, os teus pecados? Vem, vem, o Senhor espera por ti. Ânimo, não há motivo nenhum tão grave que te exclua da sua misericórdia”».

Impressionam muitos outros aspetos da vida e da obra do primeiro sacerdote estigmatizado da Igreja Católica. E seria uma obra gigantesca colocá-los todos por escrito. As páginas que se seguem, extraídas dos seus escritos e das suas conversas, pretendem ser um primeiro esquisso, um esboço, esperamos que útil, para permitir que o leitor se abeire da fonte desta personalidade extraordinária: forte e doce ao mesmo tempo, não habituada a mesquinhezes, simultaneamente íntegra, reta, afetuosa e rigorosa, resoluta, dedicada, acolhedora, cheia de humor, direta, simples. A existência do frade de Pietrelcina foi constelada de um sofrimento alegre e inexplicável a não ser pelo Amor.

Caro Leitor,

A ti, portanto, deixo aqui algumas reflexões vivas de um «homem de Deus».

Lê-as calma e atentamente; medita-as e procura interiorizá-las. Pensa que foram escritas para ti e para mim, para que nos decidamos, de uma vez por todas, a renunciar ao pecado e a dar em cada instante um significado pleno e divino à nossa pobre vida. O segredo, sugere-te o santo frade capuchinho, está em entregar-se a Deus, como filhinhos diante de um pai. E somo-lo realmente! Até na cruz, como o Padre Pio, somos Filhos de Deus.

Um santo dos nossos tempos escreveu que a alegria do cristão tem raízes em forma de cruz. A cruz, a dor, o sofrimento, as contrariedades, o que o mundo afasta e recusa, esconde ou exorciza como males são para um filho de Deus alimento quotidiano, bênçãos celestes, «joias», dons e predileção amorosa de Deus.

Assim Cristo, *alguém cheio de dores, habituado ao sofrimento* (cf. Is 53, 3), gera na sua Igreja, ao longo dos séculos, «homens seus», obras-primas da sua Graça, em tudo semelhantes a Ele, crucificados por amor apenas quando se abandonam totalmente nas suas mãos para fazerem a sua divina vontade. Homens verdadeiros: alegres, sóbrios, amigos, amantes do mundo mas não mundanos, fiéis, humildes e retos, simples e dóceis, obedientes e livres, enamorados de Deus: *alter Christus, ipse Christus*.

Apoia-te com segurança neles; segue-lhes de perto as pegadas; invoca-os para que intercedam continuamente por ti junto do Pai e tornar-te-ás, também tu, como o Padre Pio, *um outro Cristo, o próprio Cristo*.

«Santa Maria das Graças», que o humilde capuchinho de Pietrelcina invocou com constante e terna devoção, nos ajude a ter os olhos fixos em Deus. Ela nos tome pela mão e nos incentive a procurar, com todos os esforços, aquela caridade sobrenatural que brota do lado trespassado do Crucificado. E tu, Beato Padre Pio, volve do Céu o teu olhar para nós congregados nesta praça e sobre quantos estão reunidos em oração na Praça de São João Latrão e em San Giovanni Rotondo. Intercede por quem, em todas as partes do mundo, se une espiritualmente a este evento elevando para ti as suas súplicas. Vem em socorro de cada um e dá paz e conforto a todos os corações. *Âmen!*». (João Paulo II, *Homilia da Beatificação do Padre Pio de Pietrelcina*, domingo, 2 de maio de 1999).

Milão, 25 de maio de 2024

Claudio Aurelio Marcellino